

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

ANDRESSA JULIENE MARCONDES

**ALFABETIZAÇÃO NA SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DOS  
MÉTODOS APLICADOS**

MARINGÁ

2014

ANDRESSA JULIENE MARCONDES

**ALFABETIZAÇÃO NA SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DOS  
MÉTODOS APLICADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Maringá, como  
requisito parcial obtenção do grau de  
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Carlos Faria da  
Silva

MARINGÁ

2014

ANDRESSA JULIENE MARCONDES

**ALFABETIZAÇÃO NA SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DOS  
MÉTODOS APLICADOS**

Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do Título de Pedagogo, sob a orientação do Professor Doutor Luis Carlos Faria Silva.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof° Dr °Luis Carlos Faria da Silva (DFE/UEM) - Orientador**

---

**Profª Regina Zanatta (DFE/UEM)**

---

**Profª Ms. Sylvia Mara Pires de Freitas (DPI/UEM)**

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da minha vida, por não me deixar desistir do meu sonho e por, nos momentos mais difíceis me dar força, fé e coragem para prosseguir.*

*Aos meus pais Edina e Marco que estiveram sempre presentes me dando todo o apoio, amor e exemplo de vida para não desistir de meus objetivos.*

*Ao meu irmão e minha cunhada, que mesmo estando longe sei que sempre estarão torcendo pela minha vitória.*

*Aos meus amigos Wesley, Júnior e Fernanda por acreditarem em mim, nunca deixando que eu me abalasse com as frustrações acadêmicas, e por me aguentar com todas as paranoias e loucuras da faculdade.*

*Aos meus amigos de graduação Tarcila, Taynara, Renata e Vanessa, por todos os anos de convivência e amizade que vai perdurar por toda a vida.*

*A Lilian Marinho minha eterna “amorzinha” por ser a minha companheira, minha confidente e minha irmã de coração durante os quatro anos de graduação. Obrigada por tudo amorinha.*

*Ao meu orientador Professor Luis pelo tempo gasto me ajudando e pesquisando juntamente comigo, me questionando e fazendo com que andasse com as próprias pernas durante a realização deste trabalho.*

*A banca examinadora professora Gesilaine e professora Sylvia, por dedicarem seu tempo a ler com carinho e atenção o trabalho.*

*Aos meus ex-alunos do Centro Especial Tânia Regina, por me ensinarem a ser um ser humano melhor, acreditando que é a partir das dificuldades, que encontramos forças pra vencer.*

*Ao aluno Lucas, portador da Síndrome de Down, que foi minha fonte de orgulho e inspiração para realização deste trabalho.*

*A todos, muito obrigada!!!*

MARCONDES, Andressa Juliene. **Alfabetização na Síndrome de Down: Um estudo dos métodos aplicados.** 2014. F 20. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá. 2014.

## RESUMO

Há algumas décadas, no Brasil e no mundo, a extensão de direitos e aumento de oportunidades para integração na vida ativa passaram a ser um *leitmotiv* na elaboração de políticas públicas e redefinição do comportamento social frente aos indivíduos cujo desenvolvimento físico ou intelectual é atípico. Entre esses indivíduos estão os portadores de Síndrome de Down (SD). Depois de uma tentativa de quantificação e caracterização dessa população na cidade de Maringá esse trabalho aborda a questão da necessidade/possibilidade de prover a essa população acesso à capacidade de ler e escrever. Por fim, põe em evidência o fato de que abordagens fônicas do processo de alfabetização, a exemplo do que ocorre entre as crianças com curvas desenvolvimentais típicas, estão entre as iniciativas eficazes para aumentar as chances de sucesso nesse empreendimento pedagógico de alta relevância.

**Palavras – Chave:** Alfabetização; Síndrome de Down; Método fônico.

## ABSTRACT

Decades ago, in Brazil and in the world, the extension of rights and increased opportunities for integration in active life became a *leitmotiv* in public policy development and redefinition of social behavior toward individuals whose physical or intellectual development is atypical. Among these individuals are carriers of Down Syndrome (DS). After an attempt at quantification and characterization of this population in the city of Maringa this work addresses the need / possibility of providing this population access to the ability to read and write. Finally, highlights the fact that phonic approaches to literacy process, similar to what occurs among children with typical developmental curves are among the effective initiatives to increase the chances of success in this educational enterprise of high relevance.

**Keywords:** Literacy; Down syndrome; Phonics.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo originou-se de pesquisa e teve por objetivo conhecer quais são os métodos aplicados para a alfabetização de alunos com Síndrome de Down (SD). Segundo pesquisas levantadas pelo Movimento Down (2012) existem no Brasil, cerca de 270 mil pessoas portadoras dessa Síndrome. O interesse de abordar o tema originou-se de um estágio, em que pude perceber que as crianças com SD têm uma grande dificuldade em leitura e isso conseqüentemente afeta o atraso no desenvolvimento de sua fala.

Partimos do pressuposto de que a alfabetização é um processo fundamental para a ampliação do desenvolvimento psicoafetivo/social de qualquer indivíduo e que a convivência com as pessoas ajuda a desenvolver esse processo. Diante desta afirmativa a alfabetização é extremamente importante para que as crianças com SD adquiram uma comunicação com os vocabulários e as articulações adequadas das palavras.

A criança comunica-se com o mundo por meio de estimulações linguísticas, sorrisos, caretas e gestos. Até o primeiro ano de vida, a criança com SD consegue fazer a articulação da linguagem gestual, porém, quando surge a necessidade de usar palavras é que a criança encontra suas maiores dificuldades.

Essas crianças apresentam em sua maior parte trocas nas articulações dos fonemas tais como b/p, d/t, v/f, g/c j/z. Esses fonemas possuem sons semelhantes, por isso é importante que desde cedo seja trabalhado a “discriminação auditiva”, mostrando para a criança que os sons podem sim ser semelhantes, mas que em sua maioria são diferentes. Cabe ressaltar que, a discriminação auditiva, caso não seja feita de maneira correta, implicará em uma dificuldade na escrita, acarretando no atraso da alfabetização.

Em vista disso e sabendo que a maior parte dos indivíduos com SD possuem uma dificuldade significativa no relacionamento global e intelectual com pessoas e ambiente, qual seria o método mais eficiente para que esses portadores consigam realizar uma leitura/escrita global e significativa?

Diante desta problemática buscamos identificar que uma intervenção educativa precoce, contínua e adequada permite que a criança com SD adquira competências em áreas diversificadas, tais como uma boa memória visual, uma boa

compreensão linguística, e uma retenção do aprendizado. A intervenção educativa preferencialmente ser baseada no modo visual, possibilitando que os indivíduos consigam fazer uma leitura global, diminuindo o impacto das dificuldades e ajudando a reduzir as dificuldades. Sendo assim, pretende-se mostrar quais as formas de leituras/escrita utilizadas para portadores da SD, na escola inclusiva ou nas outras instituições educativas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. ENTENDENDO A SÍNDROME DE DOWN.**

Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética caracterizada pela presença de um cromossomo a mais no par 21, chamada trissomia 21. Os primeiros indícios de SD foram relatados pelo médico John Langdon Down (1866) que verificou as características dessa síndrome em crianças com atraso intelectual. Foram designadas três formas para essa síndrome: trissomia simples, translocação e mosaïcismo. A trissomia simples é a forma mais comum e representa cerca de 90% dos casos. Na translocação, o cromossomo extra do par 21 fica unido a um cromossomo de outro par. No mosaïcismo há um erro na distribuição dos cromossomos.

O diagnóstico da SD é feito por meio de um estudo cromossômico do cariótipo que corresponde à identidade genética do ser humano. Na ultrassonografia, também existem chances de se fazer o diagnóstico, observando as dobras ou espessura da nuca.

Algumas das características básicas de pessoas com SD estão os traços morfológicos, retardo mental, hipotonia muscular, a cabeça menor que o normal e a parte traseira proeminente. Sobre seu comportamento e desenvolvimento Costa (2011) acredita que

Não existe nenhum manual que expresse as possibilidades de desenvolvimento de qualquer criança [...] cada criança é um ser único, que pode ter mais ou menos dificuldades de se adequar ao mundo [...] os estímulos e atenção adequadas dispensadas a essas crianças desde o nascimento, podem fazer com que os mesmo superem as expectativas do desenvolvimento (COSTA, 2011, p.18).

Além disso, os indivíduos com SD apresentam uma dificuldade substancial no desenvolvimento de todas as funções cognitivas, sendo que algumas funções são mais comprometidas do que outras. Com isso o desenvolvimento da linguagem é particularmente prejudicado. As crianças com SD apresentam um índice baixo do que seria esperado com base em uma idade mental em vários métodos de linguagem, mas por outro lado, saem-se extremamente bem em tarefas de memórias espacial/visual. A SD implica frequentemente complicações clínicas, que acabam por interferir no desenvolvimento global da criança, sendo que, as mais comuns são as complicações cardíacas, hipotonia, complicações respiratórias e alterações sensoriais, principalmente relacionadas à visão e à audição.

É possível destacar que os portadores da SD constituem uma parte representativa da espécie humana, com peculiaridades individuais de personalidade, mudando assim as concepções de raça que se havia antigamente. Bissoto (2005) acredita que

o portador de síndrome de Down, alcança o ápice de seu desenvolvimento cognitivo, da linguagem e de esquemas motores ao atingir a adolescência, iniciando-se, então, um declínio dessas capacidades. Muito embora, se estabeleça atualmente, que portadores de Síndrome de Down apresentem possibilidades mais elevadas do que o restante da população de desenvolver a Doença de Alzheimer, estudos realizados por Devenny e colaboradores (1992) com portadores de Síndrome de Down de alto rendimento (capacidades cognitivas média e moderadamente afetadas), num acompanhamento longitudinal de cinco anos, não revelaram achados significativos, ao apoiar a hipótese de co-relação entre envelhecimento e decréscimo das faculdades cognitivas dos portadores de Síndrome de Down (BISSOTO, 2005, p.3).

Neste sentido, é possível destacar que não se pode atribuir a esses aspectos supracitados, uma capacidade de demência, pois isso pode acarretar em fatores sociais, como situação de stress quando há um envelhecimento, depressão, piora da acuidade visual e auditiva, o mau funcionamento da glândula tireoide, entre outros.

Todas essas características fazem com que os portadores da SD, tenham o seu desenvolvimento da mesma maneira que de outras pessoas, mas limitações de aprendizagem e de desenvolvimento cognitivo, assim como a habilidade social e comportamental.



## 2.2. PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Sabe-se que atualmente existem pessoas com deficiências em todos os lugares do mundo e que o número de pessoas com algum tipo de necessidade tende a aumentar cada vez mais. A fim de entender o processo de alfabetização em indivíduos com SD, tentamos obter alguns dados sobre esses indivíduos no município de Maringá-Paraná, como por exemplo, qual a incidência de crianças que nascem com SD? Qual o número de crianças com SD matriculadas em escolas públicas, privadas ou inclusivas? Quais destes matriculados estão alfabetizados?

Algumas dessas questões não foram de possíveis esclarecimentos tais como: a incidência de crianças que nascem e quais estão matriculados, pois necessitaria de declarações, que estariam além do que pretendíamos. Contudo alguns dados foram obtidos. Na Tabela 1, pode-se identificar que a maioria dos indivíduos com Síndrome de Down estão fora do espaço regular de ensino, frequentando escolas inclusivas, por opção de seus familiares, ou por não conseguirem acompanhar o desenvolvimento das crianças consideradas 'normais' em escolas regulares. Foram pesquisadas quinze instituições de ensino, mas somente cinco nos concederam informações. Dentre elas estão três escolas inclusivas e duas instituições privadas. Pode-se perceber com a tabela, que nas instituições públicas não foram encontrados nenhum dados, pois os mesmos nos foram negados.

TABELA 1- COMPARAÇÃO DE INSTITUIÇÕES PÚBLICAS, PRIVADAS E INCLUSIVAS QUE OFERECEM O ENSINO A PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN.

INSTITUIÇÃO	QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS
PRIVADAS	10
PÚBLICAS	X
INCLUSIVAS	53
<b>TOTAL</b>	<b>63</b>

*Fonte:* Dados informados pelas instituições educacionais.

Na tabela 2, encontra-se o índice de pessoas com Síndrome de Down matriculadas e alfabetizadas em escolas públicas, privadas e inclusivas na cidade de Maringá.

TABELA 2- ÍNDICE DE ALUNOS MATRICULADOS E ALFABETIZADOS EM ESCOLAS PÚBLICAS, PRIVADAS E INCLUSIVAS NA CIDADE DE MARINGÁ.

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>ALUNOS ALFABETIZADOS</b>	<b>EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO</b>
<b>PRIVADAS</b>	<b>X</b>	<b>10</b>
<b>PÚBLICAS</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>INCLUSIVAS</b>	<b>15</b>	<b>38</b>
<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>48</b>

*Fonte:* Dados informados pelas instituições educacionais

Podem-se perceber analisando as duas tabelas, que o grau de incidência de indivíduos com SD é pequeno dentro das instituições escolares, e que a maioria dos indivíduos que foram pesquisados, que se encontram em algum tipo de instituição, não estão totalmente alfabetizados. Considerando que os alunos em processo de alfabetização são adolescentes e os alfabetizados passam da vida adulta, nos permite fazer algumas considerações acerca desses dados.

O aprendizado de pessoas com SD, de acordo com Martins (2002 p,40) “deve ser estimulado a partir do concreto, sem pular etapas, necessitando de instruções visuais e situações reais, para que o estudante consolide suas aquisições”. Sendo assim, é importante que se inicie a estimulação com as crianças desde o início de sua vida, com gestos, articulações e verbalizando todas as suas ações. Apesar de suas dificuldades, as pessoas com SD fazem uso funcional da linguagem e compreendem as regras utilizadas na conversão, porém as habilidades para a comunicação são variáveis.

Algumas características são fundamentais para a alfabetização de portadores da SD, uma vez que possuem um aprendizado em ritmo mais lento, tendo dificuldades de concentração e de retenção de memórias em curto prazo. Diante disso, o site Movimento Down cita que alguns aspectos são importantes para a criança com SD ter uma alfabetização mais eficiente:

- deve lhe ser oferecido um maior número de experiências, para que aprenda o ensinado;
- trabalhar com alegria os objetos chamativos e variados, para que se tenha interesse pela atividade a ser realizada;
- ajudá-lo e guia-lo no necessário, para a realização da atividade, até que o mesmo passe a fazê-lo sozinho;
- despertar o interesse pelos objetos e pessoas que o rodeiam, fazendo a aproximação e mostrando-lhes que as coisas são agradáveis e chamativas;
- repetir inúmeras vezes as tarefas já realizadas, para que consigam se lembrar de como fazê-las e para que elas servem;
- aproveitar todos os fatos cotidianos que ocorrem ao seu redor, sempre lembrando suas utilidades e relacionando seu conceito em sala de aula;
- ter muita paciência e ajuda-los nas respostas das atividades, fazendo sempre o estímulo necessário para a resposta correta;
- fazer com que explorem novas situações a serem vividas, ensinando-os a ter iniciativa própria;
- entender a ordem de seu aprendizado e qual a hora certa para se aprender determinada coisa, apresentando situações possíveis de serem resolvidas;
- elogiar sempre e deixa-lo ciente do quão capaz ele é, animando-o pelo que já conseguiu e sempre o estimulando para alcançar novos objetivos;
- deixar que ele atue como sujeito principal de atividades participativas.

Além de todos esses aspectos que ajudam no processo de alfabetização, também se faz necessário concordar com Martins (1999 p,69), que acredita que “o treinamento da consciência fonológica exerce um impacto positivo na aprendizagem da leitura e escrita”, ou seja, é imprescindível que, além de todos os aspectos supracitados, as crianças com SD saibam os fonemas das letras, mesmo que demore algum tempo para utiliza-las na forma escrita. As crianças com SD têm capacidades de identificar e ter conhecimento das letras com seus referidos sons e Ehri (1992 p,104) acredita que “a criança que conhece o nome e/ou som das letras, utiliza esse conhecimento para ler palavras desde o início da aprendizagem da leitura”.

Nesse caso, é preciso que o indivíduo com SD tenha uma alfabetização baseada no método fônico, que consiste no aprendizado por meio da associação entre fonema e grafemas, ou seja, sons e letras. Esse método permite primeiro

descobrir o princípio alfabético, e sucessivamente, dominar o conhecimento ortográfico próprio da língua. O método fônico é ensinado por meio das formas e sons das vogais, depois as consoantes, e aos poucos são estabelecidas relações mais complexas. Cada letra é aprendida como um fonema, que juntamente com outro, formam sílabas e palavras, sendo ensinados primeiro as sílabas mais simples e depois as mais complexas.

É preciso destacar que foram criadas variações desse método, e o que os difere são as maneiras de apresentar os sons das letras: pode-se apresentar por meio de uma palavra significativa, de palavra vinculada a imagem e som, de um personagem associado a um fonema, de uma onomatopeia ou de uma história para dar sentido a apresentação do fonema. Pode-se então dizer, que não há uma única abordagem eficaz para o desenvolvimento da aprendizagem, mais sim, que há arranjos fônicos diferentes que podem ser eficaz para algumas crianças e não eficaz para outras.

Uma das abordagens encontradas para o ensino da aprendizagem em pessoas com SD, é a abordagem fônica de exercício, que reforçam as habilidades motoras, envolvendo o ritmo e as rimas. Pode-se observar que a consciência fonológica é de fundamental importância para a aquisição da escrita e leitura, pois se refere à habilidade de discriminar e manipular segmentos da fala. Essa consciência do sistema sonoro da língua, não se desenvolve espontaneamente, e requer experiências específicas para que ocorra a instrução de correspondência entre sons e letras.

Outro método eficiente em alfabetização para crianças com SD, é o método multissensorial (Montessori, 1948), que busca combinar diferentes modalidades sensoriais no ensino da linguagem escrita às crianças. Ao usar as modalidades auditivas (a forma fonológica), visuais (a forma ortográfica da palavra), e sinestésicos (os movimentos necessários para escrever determinada palavra), pode-se identificar que as abordagens utilizadas para alcançar a aprendizagem da leitura e escrita em crianças com SD são diversas e que podem chegar a diferentes resultados.

Já Oelwein (1995) acredita que há fatores que influenciam e impedem que, crianças com SD aprendam a ler. A autora acredita que o medo do fracasso é a característica mais relevante desse processo de aprendizagem, e junto com isso vêm os métodos não adequados as suas habilidades ou interesses, fazendo com

que a alfabetização se torne uma experiência negativa ou desagradável, da qual o aluno tende a fugir. A criança com SD pode ter dificuldade em compreender o conceito de ler, por não entender que as palavras impressas representam pessoas, lugares, ações, objetos, sentimentos, ideias, entre outros.

Os portadores de SD apresentam um conjunto particularmente interessante para a verificação da suposição de que, o conhecimento do nome das letras estimula-as a aprender a ler por meio de processamento e de memorização das relações letras-sons nas palavras. É de extrema importância destacar que

apesar de suas dificuldades de linguagem, muitas crianças com SD aprendem a ler palavras relativamente bem. Com efeito, algumas crianças são capazes de ler palavras tão bem como seria esperado em termos de sua idade cronológica (CARDOSO-MARTINS, MICHALICK, & POLLO, 2004, p.2).

É possível perceber que as crianças com SD utilizam o nome das letras para aprender a ler grafias simplificadas, em que as letras satisfazem aos fonemas contidos no nome das letras e não ao nome inteiro das letras. É plausível observar que, nesse aspecto de leitura/escrita, há um distanciamento entre o concreto, colocando a criança a desenvolver o observar e o fazer, que tem o papel mais significativo na vida dos portadores de SD (STAMPA, 2009).

A aprendizagem da leitura alfabética requer que o indivíduo compreenda que cada fonema corresponde a um grafema, e que os fonemas e os grafemas obedecem a uma sequência, e ainda que qualquer modificação nesta sequência, resulte na produção de uma palavra diferente. Os indivíduos com SD são capazes de ler as grafias fonéticas, em que as letras representam sons na pronúncia da palavra e as grafias visuais, em que as letras não guardam qualquer relação com os sons na pronúncia da palavra, mas são visualmente mais acentuadas. Faz-se importante destacar que há um fraco desempenho de crianças com SD em certos processos de alfabetização, pelo simples fato de não terem ainda a apropriação da consciência fonológica (RONDAL, 2006, p.123).

A consciência fonológica é o reconhecimento dos sons que compõem as palavras que ouvimos e falamos (MARTINS, 2002). Ela desempenha um papel fundamental na aprendizagem da leitura e da escrita em uma ortografia alfabética, portanto, o treinamento da consciência fonológica exerce um impacto positivo na aprendizagem da leitura e escrita. Para aprender a ler e escrever, a criança com SD necessita estar atenta ao fato de que, a linguagem oral é composta de palavras e

sentenças separadas, descobrindo que estas correspondem a unidades da fala. Além disso, a criança precisa se conscientizar sobre os fonemas, portanto a consciência dos fonemas é imprescindível para a aprendizagem no sistema de escrita alfabético como o da língua portuguesa, pois geralmente as letras do alfabeto correspondem aos fonemas (FERREIRO e TEBEROSKY, 1995)

Uma orientação devida aos professores sobre a consciência fonológica e sua relação com as habilidades de linguagem, incluindo a fala, leitura e escrita, deve ser considerada como uma das principais estratégias para ensinar alunos com SD. Essa consciência fonológica é de extrema importância no processo de alfabetização, sendo classificada como um dos tipos de habilidades necessárias para o processo fonológico.

Na criança com SD, os aspectos linguísticos são mais comprometidos do que outros aspectos do desenvolvimento, principalmente no campo da fonologia e da morfossintaxe. Esses déficits metalinguísticos interferem no processo de alfabetização. As crianças com SD apresentam níveis mensuráveis de consciência fonológica, porém inferiores quando comparados aos de pessoas com desenvolvimento típico (AZEVEDO, PINTO, GUERRA, 2012, p.03).

Em indivíduos com SD, a consciência fonológica é desenvolvida com estratégias de identificação e rima dos sons iniciais, análise e síntese fonêmica e a segmentação silábica. Sobretudo os portadores da SD não possuem uma vasta literatura, mas se trabalhado de maneira correta, a alfabetização pode ter benefícios importantes. Sendo assim, todos os aspectos de leitura/escrita se fazem relevantes na alfabetização de crianças com SD, porém não se pode esquecer que há certa habilidade visual, pelo fato das crianças com SD terem uma facilidade em aprender visualmente, olhando símbolos e conseguindo fazer uma relação com o que foi pronunciado. Bucley (1985 p. 329) pressupõe que “as crianças com SD saem-se bem na aprendizagem da leitura, porque elas tiram proveito de suas habilidades visuais e espaciais, aprendendo a ler visualmente”.

Quando as crianças com SD passam a ter o hábito da leitura, elas não processam relações entre as letras na grafia das palavras e os sons na sua pronúncia. Ao invés disso, elas começam a aprender a ler por meio de uma associação entre uma característica relevante na grafia da palavra ou seu significado (BISSOTO, 2005, p. 85).

(...) a criança que conhece o nome e/ou som das letras utiliza esse conhecimento para ler palavras desde o início da aprendizagem da

leitura. A razão é simples: a habilidade de ler através do processamento das relações letra-som fornece à criança um procedimento sistemático e, portanto, mais confiável do que a estratégia logográfica. Inicialmente, no entanto, a criança só é capaz de processar relações letra-som para algumas letras nas palavras, talvez a primeira letra ou a primeira e a última letra (EHRI, 1992 p.33 apud CARDOSO-MARTINS, MICHALICKA, & POLLO, 2004, p.2).

Neste sentido, essa relação possibilita a criança com SD criar uma rota de acesso para a sua memória que contem informações visuais e fonológicas. Segundo Martins (2002, p. 125), a linguagem oral deve anteceder a escrita, quando afirma que “o desenvolvimento das competências linguísticas é preliminar em relação a aprendizagem escrita”. Para o autor, esta aprendizagem necessita de funções básicas como as linguísticas, que envolvem a consciência fonológica e a associação de fonemas grafemas, como também as viso-perceptivo (reconhecimento dos caracteres que definem cada letra) e as práxicas (execução de um projeto motor específico para cada letra), aspectos nos quais a criança com a SD frequentemente tem dificuldades.

Para Troncoso (1998), os jovens com SD têm capacidades de leitura que lhes permite acessar informações escritas em geral, e com isso, conseguem melhorar suas possibilidades de interação pessoal e suas habilidades sociais. Ela acredita que será raro aquele indivíduo que não poderá aprender a ler e a escrever, pois há metodologias que podem ser empregadas no processo de alfabetização de pessoas com SD, levando em conta todas as especificidades que estão presentes nos alunos e nas suas possibilidades de desenvolvimento.

Alves (2007) destaca que não se pode limitar a possibilidade de desenvolvimento intelectual dos sujeitos. A alfabetização da criança com SD, deve atender as suas necessidades, sem se desviar dos princípios básicos de alfabetização. As atividades desenvolvidas não podem se limitar ao básico, mas sim explorar e possibilitar o contato com várias coisas que estão a sua volta. Martins (2002) salienta que a alfabetização de uma criança ou jovem com SD não deve apenas ser uma atividade mecânica e repetitiva, mas que deve representar um enriquecimento real da sua personalidade. A escrita é uma forma de suporte para a memória e um modo de transmitir significados, pois ao mesmo tempo em que ela recebe, transmite informações na direção de valores e objetivos que devem ser incrementados na capacidade da criança. Sendo assim a leitura e a escrita estariam

atuando como importantes ferramentas na construção de um sujeito autônomo, o que é de extrema importância para indivíduos com SD.

É apropriado salientar que a inteligência da criança com SD evolui de acordo com as especificidades do sujeito, não existindo assim, tempo fixo para o desenvolvimento da aprendizagem. Cabe lembrar que o desenvolvimento da fala é também a formação da inteligência. Em crianças com SD, a aquisição e a evolução da linguagem se processam lentamente.

Por isso a necessidade dos estímulos externos, tendo em vista que elas apresentam atraso na produção e articulação dos sons que dependem dos movimentos da língua, dos dentes, dos maxilares. Esse atraso na produção e articulação pode dificultar o ritmo e fluência da produção de textos orais (CASTRO e PIMENTEL, 2009, p.5).

Diante disso, quanto maior contato com os ajustes interativos orais, maiores as possibilidades de desenvolvimento, pois o cérebro possui competências ligadas à internalização de estímulos, que se dão por meio da aprendizagem. Troncoso (1998, p.70) afirma que “pessoas com SD tem a atenção, percepção e a memória visual como pontos fortes que se desenvolvem com um trabalho sistemático e bem estruturado”, porém, há dificuldades importantes na percepção e memória auditiva, que, com frequência se agravam por problemas na audição aguda ou crônica. Por esse motivo, a utilização de métodos de aprendizagem que tenham um apoio forte na informação verbal, audição e interpretação de sons, palavras e frases não é muito eficaz. Partindo desse pressuposto, é plausível desenvolver um trabalho de alfabetização baseado na aprendizagem perceptivo-discriminativa (associações, seleções, classificações, denominações e generalizações), que possibilita o desenvolvimento de uma organização mental, pensamento lógico, observação e compreensão. A leitura e a escrita em específico são trabalhadas partindo da percepção global e reconhecimento de palavras com significados, como o nome da própria criança e de seus familiares, sendo associadas a estímulos visuais.

Alguns fatores como a estimulação verbal, terapia fonoaudiológica e a capacidade cognitiva operam concomitantemente nos estágios de alfabetização, sendo responsáveis pelo melhor (ou pior) desempenho dos alunos.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Síndrome de Down, o processo de alfabetização pode ser retardado por aspectos relativos à imaturidade neurológica, bem como em função de anomalias fisiológicas decorrentes da síndrome, como por exemplo, a visão, a audição e o desenvolvimento motor. Rondal (2006) explica que indivíduos com SD atingem níveis variáveis de escrita, alguns alcançando graus funcionais de alfabetização, não apenas decodificando letras, mas usando a leitura como uma prática social. O autor afirma ainda que os portadores de SD passam mais tempo usando a estratégia logográfica, mas que no período da alfabetização, obedecem a uma sequência evolutiva relacionada a uma hipótese que a criança faz ao escrever.

É importante destacar que nem sempre há uma congruência entre leitura e escrita, pelo fato de se remeter aos aspectos fisiológicos relacionados à síndrome, que sejam a dificuldade para realizar o gesto articulatório e a deficiência auditiva, que na maioria das vezes limitam a capacidade para estabelecer uma relação fonema-grafema.

Relevando os aspectos fisiológicos dos indivíduos com SD, a escrita é um processo que envolve diferentes áreas cerebrais. Stampa (2009) explica que a grafia das palavras é organizada pelos neurônios parietais de memorização visual dos itens lexicais e de controle visual de movimentação da mão. É possível concluir diante disso, que as dificuldades como o princípio alfabético, estão relacionadas aos mecanismos para se lidar com os sons da fala, pois se a criança tem dificuldade para identificar os componentes sonoros das palavras enfrentará, inevitavelmente, problemas para estabelecer a relação som e letra.

Uma interpretação que pode ser feita sobre o processo de alfabetização, é que além das crianças de SD apresentarem um atraso na consciência fonológica, elas conseguem fazer uma pequena relação entre letras e sons quando aprende as letras.

É possível perceber, que apropriação da leitura e da escrita está vinculada a maturação psíquica indo de acordo com o grau de desenvolvimento de cada indivíduo, e que as crianças com SD podem desenvolver habilidades de decodificação limitadas. Sendo assim, pode-se concluir que do ponto de vista pedagógico, a implicação é clara quando diz respeito as práticas: o processo de alfabetização de indivíduos com SD, deve ser baseado na instrução das relações de

letras e sons, sempre levando em conta a presença ou não de dificuldades fonológicas.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Para entender Síndrome de Down**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

AZEVEDO, C.C; PINTO, C. S.; GUERRA, L. B. **O desenvolvimento da consciência fonológica em crianças com SD pode facilitar a alfabetização e contribuir para a inclusão do ensino regular?** Rev. CEFAC. 2012 Nov-Dez; 14(6):1057-1060. Disponível em <[www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org)> <Acesso em: 30/08/2014>.

BISSOTO, M. L. **O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais**. Ciências & Cognição; Ano 02, Vol 04, mar/2005. Disponível em <[www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org)> <Acesso em: 25/08/2014>.

BUCLEY, S. **Attaining basic educational skills: Reading, writing and number**. In D. Lane & B. Stratford (Eds.), *Current approaches to Down's syndrome* - p.315-343. New York: Praeger Press – 1985. Disponível em <[www.cienciasecognicao.org](http://www.cienciasecognicao.org)> <Acesso em: 02/09/14>

CASTRO, A. S. A.; PIMENTEL, S. C. **Atendimento educacional específico**.

COSTA, L. N. **Inclusão escolar de um aluno com síndrome de down: estudo de caso**. 56 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão). Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS. Universidade de Brasília-UnB, Brasília, 2011.

EHRI, L. **Reconceptualizing the development of sight word reading and its relationship to recoding**. In P. Gough, L. Ehri, & R. Treiman (Eds.), *Reading acquisition* - p.107-143. Hillsdale: Lawrence Erlbaum – 1992. Disponível em: [http://www.cienciasecognicao.org/](http://www.cienciasecognicao.org) <Acesso em: 05/05/2014>

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed. Porto Alegre, 1995.

MARTINS, C. C. Uta Frith. **Consciência fonológica e habilidade leitura na Síndrome de Down**. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 12, num. 1, 1999, p. 0, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Disponível em <<http://somos.ufmg.br/professores/view/529>> Acesso em: 24/08/2014.

MARTINS, L. de A. R. **A inclusão escolar do portador da Síndrome de Down: o que pensam os educadores?** Natal: EDUFRRN, 2002.

MARTINS, C. C.; MICHALICK, M. F.; POLLO, T. C. **O Papel do Conhecimento do Nome das Letras no Início da Aprendizagem da Leitura: Evidência de Indivíduos com Síndrome de Down**. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n1/31292.pdf>> Acesso em 29/08/2014.

MONTESSORI, M. **The discovery of the child**. Madras: Kalakshetra, 1948.

<http://www.movimentodown.org.br/>. Acesso em <18/08/2014>

OELWEIN, P. L. **Teaching Reading to children with Down syndrome: a guide for parents and teachers** - Woodbine House Ed. - Bethesda/USA, 1995.

<http://www.projetodown.org.br/cartilha06.doc> <Acesso em: 02/09/2014>

RONDAL, J. A Dificultades del lenguaje em el síndrome de Down: Perspectiva a lo largo de la vida y principios de intervención. **Revista Síndrome de Down**, v. 23, n. 91, p.120-128, 2006.

**Síndrome de down: desafios e perspectivas na inclusão escolar**. Disponível em <<http://books.scielo.org>> Acesso em 15/09/2014.

STAMPA, M. **Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem a partir da consciência fonológica**. WAK, 2009.

TRONCOSO, M. V. **Síndrome de Down**: lectura y escritura - Cantabria, España.  
Masson S.A. - 1998.